

**JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS**



**A MULHER
DO DRAGÃO
VERMELHO**



 Planeta

Às minhas quatro meninas.

Será um conquistador quem tenha aprendido
a arte da dissimulação.

SUN TZU





Este romance é uma obra de ficção
inspirada em factos verídicos.

Prólogo

Se o calor era intenso, a humidade tornava-o sufocante. Depois de abanar o leque em busca de alívio, a europeia dos olhos de chocolate e cabelos escuros encaracolados estendeu a mão com languidez e pegou no copo. O *khus* tinha um aspeto realmente fresco, verde com pedras de gelo a boiarem como blocos de cristal, mas eram as sementes de *subza* que lhe conferiam um travo original. Bebericou um trago e, fechando os olhos, emitiu um suave gemido de prazer.

“Hmm...”

Não havia dúvida de que o *khus* era um bálsamo refrescante num dia tão quente. Sentiu-se momentaneamente revigorada, mas bastou levantar os olhos para o enorme edifício ao fundo da rua para sentir uma ponta de desânimo. Não por causa do edifício em si. O Templo Dourado de Amritsar era uma das maravilhas da Índia, se não mesmo do mundo, e palpitava de vida graças aos homens de *kurtah* e *choghah* coloridos que o percorriam, as barbas espessas e a cabeça coberta por *dastar*, os turbantes da cor dos *choghah*. Quão afortunado era o mundo que tantas joias diferentes juntava no mesmo pote.

Não, definitivamente não era o Templo Dourado nem os fiéis *sikhs* que o percorriam, as silhuetas fugidias refletidas no espelho do lago que abraçava o santuário áureo, que a intimidavam. Era o calor. Que sufoco aquele dia em Amritsar! Procurando no copo verde a frescura que o ardor escaldante do ar lhe roubava, a europeia bebericou mais um trago de *khus*. Provavelmente teria ainda de pedir um outro copo para ganhar

coragem e enfrentar o calor abrasador do Punjab durante a programada visita ao grande templo *sikh*.

“Mais um copo, *memsahib*?”

A europeia sorriu para o empregado que a interpelara na esplanada do café Sri Harmandir; dir-se-ia que o homem lhe lera os pensamentos.

“Com duas pedras de gelo, por favor.”

O empregado, de barbas densas, *dastar* na cabeça, *kurtah* e *choghah* a cobrir-lhe o corpo como qualquer outro *sikh* de Amritsar, esboçou uma curta vénia e afastou-se para dar sequência ao pedido. De novo sozinha na sua mesa na esplanada, a europeia esvaziou o copo e encarou mais uma vez o complexo do Templo Dourado, ao fundo da rua. Impossível evitar aquela visão celestial. Os habitantes locais chamavam-lhe Harmandir Sahib, a Morada do Senhor, um santuário do século XVI consecutivamente destruído pelos mogóis e pelos invasores afegãos, até que uma reconstrução do século XIX cobrira a estrutura central com as folhas de ouro que lhe valiam o nome.

Ouviu um burburinho atrás dela e voltou-se. Uma mulher de vestido azul-escuro e a cabeça coberta por um lenço negro percorria as mesas da esplanada com ar de aflição.

“*Help me!*”, gritou ela num inglês imperfeito. “Ajudem-me! Por favor, ajudem-me!”

Se havia coisa que a europeia dos olhos de chocolate se habituara a ver nos poucos dias em que estava na Índia era a miséria endêmica, com mendigos espalhados por toda a parte. Mas a mulher que deambulava assustada pela esplanada não era manifestamente uma vagabunda; em bom rigor, nem indiana parecia ser. E o que chamou a atenção da europeia, e na verdade lhe tocou fundo, foi o pânico que lhe surpreendeu nos olhos escuros.

No seu ziguezaguear desesperado pela esplanada do café Sri Harmandir, a mulher do lenço negro passou pela mesa da europeia.

“Ninguém me ajuda?”, implorava ela, os olhos arregalados numa expressão de pavor. “Por favor, por favor!”

Numa reação quase instintiva, a europeia dos olhos de chocolate agarrou-a pelo braço.

“O que aconteceu?”, perguntou-lhe numa voz amigável e serena, para a tranquilizar. “Precisa que a leve a algum lugar?”

A recém-chegada apontou para trás.

“São eles! São eles!”

Os olhares de todos os clientes do café voltaram-se na direção indicada. Dois homens de aspeto indiano emergiram da multidão e invadiram o café, os olhares sombrios a dardejarem em todas as direções como predadores em busca da presa.

Um deles localizou a fugitiva.

“*Vahaan hai vo!*”, gritou. “Ela está ali!”

A mulher do lenço negro soltou um grito de terror e correu, mas foi tão desastrada que embateu numa cadeira e derrubou uma mesa da esplanada. A europeia dos olhos de chocolate levantou-se, alarmada, e muitos clientes também; a proteção à fuga de uma mulher indefesa era para muitos instintiva. Alguns cortaram o caminho aos perseguidores.

“*Aap kaun hain?*”, perguntou um. “Quem são vocês?”

“*Use akela chhod do!*”, disse outro freguês da esplanada. “Deixem-na em paz!”

Os perseguidores empurraram brutalmente os clientes e avançaram em direção à fugitiva, que se erguera entretanto, embora visivelmente desnorteada. Vendo os clientes a serem maltratados, quatro empregados intervieram para enfrentar os agressores.

“Saíam daqui!”

“Fora, se não chamamos a polícia!”

Depois de trocarem um breve olhar entre eles, os dois agressores lançaram-se com violência sobre os empregados, distribuindo murros e pontapés em todas as direções. Ergueu-se um bruaá naquele pandemónio súbito, com cadeiras a voar, mais as mesas e os objetos nelas pousados.

Lendo a determinação no rosto dos perseguidores, a europeia dos olhos de chocolate decidiu agir. Num impulso, pegou na fugitiva pelo braço e puxou-a.

“Venha comigo!”

A europeia arrastou a mulher do lenço negro para o interior do café Sri Harmandir. Já ali tinha ido dez minutos antes visitar o quarto de banho e percebera que havia uma passagem pela cozinha que conduzia a uma porta traseira. Meteram por aí e, exatamente como se recordava, deu com a porta traseira e franqueou-a.

Três detonações atrás delas assustaram-nas. Seriam tiros? Não podia ser. A verdade é que, onde instantes antes se instalara um clamor, fez-se um silêncio súbito seguido de um grito de terror. Isso não augurava nada de bom. A europeia olhou de relance para trás e não descortinou ninguém no seu encalço, mas não teve dúvidas de que a qualquer momento os perseguidores reapareceriam. Em que diabo de confusão ela se metera?

As fugitivas enfiaram por uma ruela nas traseiras do café e, deparando-se com uma passagem estreita a abrir à esquerda, esgueiraram-se por aí; a sua melhor hipótese de despistarem os agressores era ziguezaguearem por um labirinto que baralhasse quem por ali se aventurasse. Foram dar a um pátio rodeado por um muro. Saltaram o muro e depararam-se com três portas que davam para propriedades. Cruzaram uma delas e entraram num quintal povoado de galinhas e patos.

Viram uma casinha de madeira ao fundo do quintal e enfiaram-se nela; era um local onde se guardavam sacos, enxadas, pás e outros instrumentos agrícolas e de limpeza. Encontraram um monte de feno ao canto, na escuridão, e sentaram-se sobre ele, ofegantes. A europeia quase teve um ataque de riso, por causa dos nervos e da incongruência de toda aquela situação, mas ao olhar para a mulher do lenço negro percebeu que ela estava de tal modo apavorada que a vontade de rir se esfumou.

Indicou o exterior com o polegar.

“Quem são aqueles?”

A mulher do lenço negro mantinha os olhos assustados presos à porta da casinha, evidentemente aterrorizada com a possibilidade de a qualquer momento ser descoberta.

“São... são homens muito perigosos.”

A fugitiva não parecia faladora, como se temesse a própria sombra, e a europeia pôs-se com conjeturas. Com toda a probabilidade tratava-se de um caso de casamentos forçados; era comum na Índia os casamentos combinados entre famílias e havia muitas indianas que sofriam imenso. Se bem que aquela mulher não parecesse indiana. Os seus traços levemente mongóis indiciavam uma mistura com origem, talvez, nos Himalaias. Não era na cidade de Dharamshala, nos Himalaias indianos, que vivia o dalai-lama? A desconhecida tinha um certo aspeto tibetano, pelo que lhe pareceu bem possível que tivesse vindo da região de Himachal Pradesh.

“Chamo-me Maria Flor e sou portuguesa”, apresentou-se a europeia dos olhos de chocolate. “E você?”

A fugitiva tirou pela primeira vez os olhos da porta e pestanejou, como se hesitasse.

“Eu... eu... o que interessa isso?”

“Era bom que conhecêssemos o nome uma da outra, não acha? Afinal de contas, estamos juntas nisto...”

“Quanto menos souber sobre mim, melhor para si.”

A resposta deixou Maria Flor desconcertada.

“Ora essa! Que mal tem conhecermo-nos um pouco?”

A atenção da fugitiva regressou à porta.

“Eles vão descobrir-nos.”

“Não vão nada.”

“Vão, vão. Têm meios próprios.”

“Ora essa. Quais?”

A mulher do lenço negro apontou para o teto da casinha.

“Olhos no céu.”

“Como assim?”

A fugitiva espreitou a mala que Maria Flor enroscara no braço.

“Tem... tem telemóvel?”

“Sim, claro.”

“Peça ajuda! Por favor, peça ajuda depressa! Temos pouco tempo! Eles estão a usar satélites. Com as câmaras no céu, a qualquer instante vão descobrir onde estamos.”

Satélites? Câmaras? A portuguesa percebeu que o assunto era mais sério do que um simples caso de casamento forçado. Sem perder tempo, abriu a mala e tirou o *smartphone*. Ainda pensou em googlar o número da polícia de Amritsar, mas constatou que tinha os dedos a tremer, estava mais nervosa do que se apercebera, e tomou consciência de que levaria uma infinidade a localizar o número. Mais valia ir por um atalho. Digitou o código internacional, 00, o código de Portugal, 351, e depois o número que conhecia de cor.

Ouviu dois toques de chamada e um clique, a que se seguiu uma voz feminina cantarolante.

“O número que chamou não está disponível. Por favor, tente mais tarde.”

“Porra!”

Apeteceu-lhe atirar o telemóvel contra a parede. Por que razão o marido nunca estava disponível quando mais dele precisava? Premiu o ícone das mensagens e, apesar dos nervos, teclou letra a letra.

Estou a ser perseguida. Dois homens num café perto do Templo Dourado. Tiros. Liga à polícia.

Premiu o ícone *Send* e enviou a mensagem. Será que ele a iria ver nesse instante? O facto de a gravação indicar que o número não estava disponível indiciava que o marido levaria ainda algum tempo até consultar o telemóvel. E tempo era coisa de que não dispunha, a crer no que a mulher do lenço negro acabara de lhe dizer.

“Então?”, quis saber a desconhecida, a ansiedade a trepar-lhe pela voz. “Não liga à polícia?”

O melhor seria não contar com o marido, concluiu Maria Flor. Estabeleceu ligação ao Google e fez uma busca com as palavras *police* e *Amritsar*. Apareceram-lhe vários números. Deveria ter começado logo por ali em vez de perder tempo a tentar falar com Tomás. Premiu um dos números que o Google lhe disponibilizou e ouviu um toque de chamada, logo seguido de uma voz masculina a dizer algo de imperceptível, decerto em punjabi.

“*Do you speak English?*”, perguntou ela. “Fala inglês?”

“Yes, madam”, foi a resposta afirmativa imediata. “*Em que a posso ajudar?*”

“Estou a ser perseguida”, disse. “São dois homens.”

“*O que fizeram eles, madam?*”

“Entraram num café e puseram-se a bater em toda a gente. Ouvi tiros. Estão atrás de uma mulher e... e de mim.”

“*Onde se encontra neste momento, madam?*”

Maria Flor olhou em redor. Como poderia responder de uma forma que os ajudasse a localizá-la?

“Estou num... numa casinha de madeira, num quintal.”

“*Em que rua, madam?*”

“Uh... não sei. Isto é perto do Templo Dourado. O café está perto do Templo Dourado e escondi-me num quintal nas traseiras do café.”

“*Qual é o nome do café, madam?*”

“O nome? Sei lá, o nome é... é Sri... Sri qualquer-coisa.”

“*O café Sri Harmandir?*”

“Sei lá.” Hesitou. “Talvez, sim. É capaz de ser isso. Oiça, estamos numa...”

Uma mão tapou de imediato a boca de Maria Flor; era a mulher do lenço negro a calá-la. A portuguesa olhou para ela, surpreendida, e viu-a de indicador colado aos lábios, a pedir silêncio, e a apontar amedrontadamente para a porta.

“*Sim, madam?*”, continuou a voz ao telefone, já quase um zumbido. “*Está onde?*”

A atenção de Maria Flor já não se centrava no telemóvel, mas no que se passava no exterior. Ouviu vozes masculinas e percebeu que podiam de facto estar na iminência de serem descobertas.

“Depressa!”, soprou num sussurro para o telemóvel. “Eles estão lá fora! Venham já!”

Desligou, para que o zumbido da voz ao telefone não atraísse a atenção de ninguém, e apressadamente escavou no monte de feno para abrir espaço no interior. A fugitiva que a acompanhava imitou-a. Após alguns segundos de escavação frenética, o buraco no feno alargou-se

o suficiente para nele se enfiarem as duas. As vozes no exterior tornaram-se mais altas, sinal de que se aproximavam, e as duas fugitivas puxaram feno para cima dos corpos de modo a ficarem totalmente tapadas.

Já na escuridão, ouviram a porta da casinha abrir-se e vozes de homens encherem o interior. A europeia não podia ter a certeza de que se tratavam dos perseguidores, claro, mas a probabilidade de serem eles parecia-lhe elevada. Ficaram ambas muito quietas, até de respirações suspensas, mas os corações ribombavam-lhes com tal violência que temiam que as batidas as denunciassem. Para se acalmar, Maria Flor tentou reconfortar-se com o pensamento de que, naquela situação, nem tudo jogava contra elas. O monte de feno encontrava-se num canto sombrio da casinha, conseqüentemente de difícil visibilidade, e elas estavam enfiadas no meio da palha. Não seria fácil serem descobertas.

Ouviu as vozes aproximarem-se e tentou perceber em que língua falavam. Não era punjabi e muito menos inglês. Parecia hindi. Continuava sem se atrever a respirar. Os homens trocaram umas palavras e, quando lhe pareceu que não as viam e se aprestavam a dar meia-volta e irem-se embora, sentiu a palha ser remexida com vigor, até que mãos lhes tocaram com firmeza.

“*Ve yahaan hain!*”, exclamou um deles. “Estão aqui!”

A mulher do lenço negro pôs-se nesse momento a gritar e tentou fugir, absolutamente apavorada, mas um dos homens saltou para cima dela e imobilizou-a. Procurando manter a calma, até porque não tinha feito nada de mal a não ser correr para fora da esplanada e esconder-se num quintal, Maria Flor levantou-se e encarou os agressores com o dedo apontado para a porta entreaberta da casinha de madeira.

“*Out!*”, ordenou com voz de comando. “Saiam!”

O homem que estava por cima da mulher do lenço negro já a imobilizara por completo, e ela chorava em voz baixa, claramente de esperança perdida, mas o segundo perseguidor mantinha-se diante da saída, evidentemente para bloquear o caminho de fuga. Maria Flor hesitou. Deveria interceder pela companheira e tentar tirá-la daquela situação ou seria melhor salvar-se a si própria? A determinação que aqueles

homens mostraram na perseguição à mulher do lenço negro tornava claro que não tinha qualquer hipótese de os convencer a libertá-la. O mais avisado seria desvencilhar-se daquele aperto e mais tarde ajudar a polícia a localizar a desconhecida.

Os dois agressores trocaram palavras entre si, como se se interrogassem sobre o que fazer com a europeia, até que um deles, o que parecia chefiar o par e imobilizara a mulher do lenço negro, deu uma ordem ao outro e este avançou para Maria Flor e fez-lhe uma prisão de braço, derrubando-a e encostando-lhe a cara ao chão.

“Larguem-me!”, protestou a portuguesa, contorcendo-se para tentar libertar-se. “Deixem-me em paz! Deixem-me, senão... senão chamo a polícia!”

Sentiu uma picada no ombro e, com horror, percebeu que o agressor tinha acabado de lhe dar uma injeção.

“O que... o que está a fazer?”, indignou-se. “Vocês não podem fazer isso, ouviram? Não podem! Isto é muito grave! Eu vou... eu vou...”

De repente foi como se alguém tivesse desligado um interruptor e Maria Flor perdeu a consciência.

I

As águas verde-esmeralda do rio Tekes gorgolhavam de peixes, tão grandes que só podiam tratar-se de trutas. O avô materno de Madina, o venerável Qeyser, ensinara-a a pescá-los, mas a menina não tinha ali a rede com ela. Limitou-se por isso a olhar demoradamente para os peixes, a impotência a defraudar-lhe o desejo, nos braços a colorida boneca de trapos que o avô lhe fizera a partir de tecidos importados do Cazaquistão. Que pena ter vindo brincar sozinha ao rio. Se o avô Qeyser ali estivesse nesse momento com ela, de certeza que teria trazido a rede e seria uma risada pegada. Pescariam um daqueles peixes e o jantar seria truta cozida com *yutaza*, o pão a vapor dos uigures. Tudo regado a *kvas*, a bebida uigure feita a partir de mel. Mas, suspiro!, não estando o avô ali...

Apertou a boneca de trapos contra si. Para além de brincar com o avô, não havia coisa de que mais gostasse do que aquela boneca. Chamava-lhe *Aynurita* e fingia que era a sua filha. Levava-a a dar passeios, dava-lhe de comer, brincava com ela, embalava-a, metia-a no banho e dormia agarrada a ela. Como não o fazer, se era ela a sua filha? Um dia, quando fosse grande, teria uma filha verdadeira e chamar-lhe-ia Aynur. Levá-la-ia em passeios, brincaria com ela, dar-lhe-ia de comer, embalá-la-ia e dormiria agarrada a ela. Como fazia com *Aynurita*.

Estava na hora de a sua “filha” dormir a sesta. Madina baixou-se, pousou a boneca de trapos no chão e abriu um espaço entre os seixos, procurando a areia fofa onde a deitar. Ao afastar os seixos, deparou-se

com um par de botas à sua frente. Ergueu o olhar até fitar um homem plantado diante dela como uma torre. Nunca o vira antes.

O desconhecido sorriu-lhe.

“*Ni hao.*”

Madina ficou um longo momento paralisada, sem saber se deveria ter medo ou não, se fugir ou se ficar. Nunca vira aquele homem nem entendera o que ele lhe acabara de dizer. Mais estranho ainda, jamais se cruzara com aquele tipo de homem. Desde que nascera que estava habituada a viver entre gente como ela, de tez morena, a pele quase com a coloração da azeitona. Os homens da aldeia tinham barba e usavam *doppas*, uma espécie de turbante quadrado que punham na cabeça, além de que vestiam um casaco *chapan*, como o avô Qeyser e tantos outros.

Aquele desconhecido, no entanto, parecia diferente. A sua tez era mais clara e os olhos mais rasgados do que o normal. Além disso, falava uma língua estranha e incompreensível. Os pais tinham-lhe dito para nunca se aproximar de estranhos, pelo que recuou alguns passos, apreensiva, embora sem jamais retirar os olhos do homem.

“Madina!”

Olhou e, com alívio, viu a mãe. Correu para ela e, sem largar *Aynurita*, tentou fundir-se no seu corpo, procurando o abrigo que os braços maternos sempre lhe davam. A mãe trocou com o desconhecido umas palavras numa língua que a menina não conhecia e depois puxou-a para se afastarem do rio.

“Quem era?”

“Um chinês”, respondeu-lhe a mãe. “Não te fez nada, pois não?”

“Falou comigo.”

“O que te disse?”

A pequena encolheu os ombros.

“Sei lá. Não percebi nada.”

A mãe aligeirou o passo; dir-se-ia que estava com pressa de ganhar distância em relação ao rio e, sobretudo, de se afastar do homem que ficara para trás. Passaram por rebanhos de ovelhas, que os pastores da aldeia vigiavam de cajados na mão, e pelos pomares de citrinos por onde deambulavam camelos ociosos. Havia séculos que os uigures

praticavam uma agricultura de irrigação em pequena escala nos oásis dos desertos da Ásia Central, como acontecia naquela aldeia ao lado do rio Tekes, o que contribuiu para tornar possível a velha Rota da Seda. Nem mesmo a invasão da dinastia Qing no século XVIII pusera fim àquelas práticas ancestrais.

Entraram na aldeia. Das casas e dos *yurts* em redor ouviam-se mulheres a cantarolar ou a ralhar com alguém, enquanto crianças brincavam nos quintais entre elas ou com os animais domésticos. Cenas da vida doméstica de um pequeno povoado uigure encravado entre o Tekes e as montanhas Tian Shan.

Ao vê-las passar, os aldeãos lançaram-lhes as habituais saudações na sua língua e cultura.

“*As salaam alekum!*”, cumprimentaram-nas, usando a velha tradição muçulmana de origem árabe. “Que a paz esteja convosco!”

Rapidamente chegaram a casa, uma pequena estrutura em adobe. Os quatro irmãos e irmãs tinham ido para a escola, uma vez que eram mais velhos e já estavam com idade para isso, pelo que se encontravam sozinhas. Ao entrar para a cozinha, a mãe apontou para a capoeira.

“Vai tratar dos animais. Se houver ovos, trá-los.”

Se havia quem gostava de deambular entre as galinhas era Madina, que nem hesitou e correu para a capoeira. Não havia ovos, decerto porque já todos tinham sido recolhidos pela manhã. Para compensar, percebeu que faltava comida nas tigelas onde as galinhas habitualmente debicavam. Foi buscar milho à casinha ao lado da cozinha.

“... estava lá um chinês, vê lá tu.”

“No rio?”

Reconheceu as vozes da mãe e do pai, vindas da cozinha; falavam evidentemente sobre o desconhecido que tinha encontrado pouco antes nas margens do Tekes.

“Sim, no rio. O que achas que eles estão cá a fazer?”

“Só pode ser a *bingtuan*”, respondeu o pai. “Anda para aí a construir edifícios para receber trabalhadores.”

“Trabalhadores?”

“Sim, parece que vem mais gente da China. Fala-se em comboios apinhados de chineses, todos a virem para aqui. Querem explorar a nossa indústria do algodão. E o petróleo, claro. Não vês o que está a acontecer em Karamay? Desde que descobriram o petróleo que aquilo anda numa roda-viva.”

Karamay era uma palavra uigure que queria dizer *óleo negro*. Tornara-se por isso uma cidade do Turquestão Oriental e o seu nome andava em surdina na boca de toda a gente na aldeia. Era verdade que se falava com frequência em instalações construídas não muito longe dali. Embora a pequena nunca as tivesse visto, chegara a observar camiões verdes a circularem à distância pela estrada, uns atrás dos outros. Sempre que isso acontecia, os adultos mandavam apressadamente os mais pequenos recolherem a casa. Por isso nunca vira de perto nenhum dos estranhos que estavam a chegar à região em números cada vez maiores. O homem com que se deparara no rio fora o primeiro.

“Mas até aqui eles só andavam lá pelo Norte”, observou a mãe. “É lá que está o petróleo. Por que raio vêm agora para esta zona? O que andarão a congeminar?”

“Sei lá.”

A mãe parecia nervosa, enrodilhando os dedos na ponta do lenço que lhe cobria a cabeça. Os líderes comunistas soviéticos e chineses haviam determinado em 1949 que a China ocuparia o Sharqi Turkistan, ou Turquestão Oriental, e nos anos seguintes milhões de antigos soldados han foram enviados para o Norte para trabalharem como agricultores em colónias militares. Esses colonos chineses, integrados numa instituição paramilitar chamada Corporação de Produção e Construção de Xinjiang, mais conhecida por *bingtuan*, foram encorajados por incentivos económicos e persuasão ideológica, formando comunidades quase completamente segregadas dos uigures. Não era caso para menos. A *bingtuan* assumiu o controlo de grandes porções de terra e dos cursos de água estratégicos da região, conferindo-lhe um imenso poder sobre as populações e desencadeando o ressentimento geral. A *bingtuan* tinha poderes paralelos aos do governo regional, o que a tornava um Estado dentro do Estado, e ia a passo e passo expulsando os uigures das suas terras ancestrais.

A segregação entre as duas partes tornou-se tão completa que uigures e han praticamente não tinham contactos entre eles, apesar de viverem na mesma região. Os chineses ficaram essencialmente no Norte e os uigures concentraram-se sobretudo no Sul. A inexistência de estradas, para além das montanhas e dos desertos, dificultava as comunicações, o que apesar de tudo impediu que as relações se deteriorassem mais.

Daí que a aproximação de um han à aldeia, evidentemente um paramilitar da *bingtuan*, tivesse deixado os pais nervosos.

“E agora?”, questionou-se a mãe de Madina, uma ponta de ansiedade a tremelicar-lhe na voz. “Vêm todos agora para a nossa terra?”

Um estalido com a língua sinalizou a postura conformada do pai. “O que podemos nós fazer?”

Com o milho nas mãos, Madina voltou para a capoeira e encheu as tigelas. A sua mente, porém, já não estava nas galinhas. O tom perturbado da conversa dos pais deixou-a inquieta. A chegada daqueles homens ao rio Tekes não augurava nada de bom.